

A INVISIBILIDADE DAS IST NA TERCEIRA IDADE: DESAFIOS, PREVENÇÃO E POLÍTICAS DE SAÚDE

THE INVISIBILITY OF STIs IN THE ELDERLY: CHALLENGES, PREVENTION AND HEALTH POLICIES

LA INVISIBILIDAD DE LAS ITS EN LA TERCERA EDAD: DESAFÍOS, PREVENCIÓN Y POLÍTICAS DE SALUD

Thiago Honorato de Andrade¹
Leandro Arantes Moreira²

RESUMO: **Introdução:** O envelhecimento populacional impõe novos desafios aos sistemas de saúde, especialmente quanto à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em idosos, uma população frequentemente negligenciada nas políticas públicas. A invisibilidade da sexualidade na terceira idade contribui para a vulnerabilidade deste grupo. **Objetivo:** Investigar a prevalência e os fatores associados às ISTs em idosos, propondo estratégias de prevenção e conscientização. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, seguindo as recomendações do PRISMA. A busca foi realizada nas bases de dados BDENF, SciELO e LILACS, abrangendo publicações entre janeiro de 2019 e setembro de 2025, resultando na análise de 14 estudos. **Resultados:** Os estudos analisados revelam uma prevalência significativa de ISTs entre idosos, associada a uma baixa percepção de risco, uso inconsistente de preservativos e uma notável lacuna entre o conhecimento sobre as infecções e a adoção de práticas preventivas. A falta de campanhas de saúde direcionadas e o tabu em torno da sexualidade na velhice foram identificados como fatores que agravam a vulnerabilidade. **Conclusão:** É fundamental desconstruir tabus sobre a sexualidade na terceira idade, capacitar profissionais de saúde para uma abordagem adequada e desenvolver políticas públicas específicas que integrem a saúde sexual como um componente essencial do envelhecimento ativo e saudável.

262

Descritores: Saúde do Idoso. Doenças Sexualmente Transmissíveis. Educação em Saúde.

ABSTRACT: **Introduction:** The aging population poses new challenges to health systems, especially regarding the prevention of Sexually Transmitted Infections (STIs) in the elderly, a population often overlooked in public policies. The invisibility of sexuality in old age contributes to the vulnerability of this group. **Objective:** To investigate the prevalence and factors associated with STIs in the elderly, proposing prevention and awareness strategies. **Methodology:** This is an integrative literature review, following PRISMA recommendations. The search was conducted in the BDENF, SciELO, and LILACS databases, covering publications between January 2019 and September 2025, resulting in the analysis of 14 studies. **Results:** The analyzed studies reveal a significant prevalence of STIs among the elderly, associated with a low perception of risk, inconsistent condom use, and a notable gap between knowledge about infections and the adoption of preventive practices. The lack of targeted health campaigns and the taboo surrounding sexuality in old age were identified as factors that exacerbate vulnerability. **Conclusion:** It is essential to deconstruct taboos about sexuality in old age, train health professionals for an appropriate approach, and develop specific public policies that integrate sexual health as an essential component of active and healthy aging.

Keywords: Health of the Elderly. Sexually Transmitted Diseases. Health Education.

¹Acadêmico do curso de Graduação em Enfermagem da Associação Brasileira de Ensino Universitário (UNIABEU).

²Enfermeiro. Mestre em Ensino das Ciências da Saúde e Meio Ambiente pela UNIPLI-RJ. Pós-Graduado em Enfermagem em Saúde Pública pela UFRJ/EEAN. Docente do Curso de Graduação da UNIABEU. Gerente de Serviços de Saúde do Município do Rio de Janeiro-RJ.

RESUMEN: Introducción: El envejecimiento de la población plantea nuevos desafíos a los sistemas de salud, especialmente en lo que respecta a la prevención de Infecciones de Transmisión Sexual (ITS) en los ancianos, una población a menudo descuidada en las políticas públicas. La invisibilidad de la sexualidad en la tercera edad contribuye a la vulnerabilidad de este grupo. Objetivo: Investigar la prevalencia y los factores asociados a las ITS en los ancianos, proponiendo estrategias de prevención y concienciación. Metodología: Se trata de una revisión integradora de la literatura, siguiendo las recomendaciones de PRISMA. La búsqueda se realizó en las bases de datos BDNF, SciELO y LILACS, abarcando publicaciones entre enero de 2019 y septiembre de 2025, lo que resultó en el análisis de 14 estudios. Resultados: Los estudios analizados revelan una prevalencia significativa de ITS entre los ancianos, asociada a una baja percepción de riesgo, uso inconsistente de preservativos y una notable brecha entre el conocimiento sobre las infecciones y la adopción de prácticas preventivas. La falta de campañas de salud dirigidas y el tabú en torno a la sexualidad en la vejez se identificaron como factores que agravan la vulnerabilidad. Conclusión: Es fundamental deconstruir los tabúes sobre la sexualidad en la tercera edad, capacitar a los profesionales de la salud para un enfoque adecuado y desarrollar políticas públicas específicas que integren la salud sexual como un componente esencial del envejecimiento activo y saludable.

Descritores: Salud del Anciano. Enfermedades de Transmisión Sexual. Educación en Salud.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno demográfico de alcance global que impõe novos e complexos desafios aos sistemas de saúde, notadamente no que concerne à atenção e prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na população idosa. A sexualidade na terceira idade, frequentemente alvo de estigmatização ou simplesmente ignorada, contribui significativamente para a ausência de políticas públicas de prevenção que sejam eficazes e direcionadas a este grupo etário.

A literatura especializada tem apontado que a invisibilidade desta temática nos serviços de saúde atua como um fator de ampliação da vulnerabilidade dessa população (Andrade *et al.*, 2017).

Apesar da persistência da atividade sexual entre os idosos, observa-se uma carência de informações adequadas sobre as práticas de prevenção, o que, por sua vez, eleva o risco de exposição às ISTs. Esta lacuna informativa decorre tanto da escassez de campanhas educativas especificamente voltadas para o público idoso quanto da dificuldade e do preconceito manifestado por alguns profissionais de saúde ao abordar a sexualidade no envelhecimento (Albuquerque *et al.*, 2022). Torna-se, portanto, imperativo desconstruir os tabus culturais e incorporar a pauta da saúde sexual nos programas de atenção à saúde.

Um elemento adicional de complexidade reside no aumento do uso de medicamentos facilitadores da vida sexual, como aqueles destinados à disfunção erétil, que, quando associado à negligência de práticas sexuais seguras, favorece o crescimento das taxas de infecções como o HIV e outras ISTs entre os idosos. A percepção de risco reduzida é um fator agravante, pois muitos idosos tendem a se considerar imunes por não estarem mais em idade reprodutiva (Silva, Oliveira, & Rocha Filho, 2017).

Diante do aumento da expectativa de vida e das transformações no perfil sociodemográfico, a necessidade de estratégias de prevenção específicas para a terceira idade é inegável. Contudo, a atenção primária à saúde ainda apresenta deficiências na implementação de protocolos direcionados a este público, o que compromete a promoção da saúde sexual. A persistente invisibilidade das ISTs neste contexto representa um obstáculo substancial para a concretização de um envelhecimento saudável e digno.

O Brasil vivencia um crescimento acelerado de sua população idosa, com projeções do IBGE indicando que, até 2030, este grupo superará o número de crianças e adolescentes.

Tal cenário exige uma reorientação da atenção às demandas específicas desta faixa etária. A saúde sexual, embora pouco explorada, assume uma relevância crítica, visto que a invisibilidade das ISTs entre idosos não apenas compromete a qualidade de vida, mas também gera uma sobrecarga significativa ao sistema de saúde.

Dados estatísticos demonstram um aumento no número de idosos vivendo com HIV nas últimas décadas, sendo o diagnóstico frequentemente realizado em estágios avançados da doença. Esta realidade é reflexo da baixa percepção de risco e da insuficiência de campanhas preventivas direcionadas (Oliveira & Martins, 2021). O diagnóstico tardio, por sua vez, está associado a maiores índices de mortalidade e morbidade, além de elevar os custos do tratamento.

A invisibilidade das ISTs na velhice é também um reflexo de fatores culturais e sociais. A dificuldade de muitos profissionais de saúde em abordar a sexualidade no envelhecimento perpetua preconceitos que dificultam a implementação de ações educativas e preventivas. Essa lacuna aponta para a urgência de capacitar os serviços de saúde para lidar com as particularidades desse público, visando a redução de vulnerabilidades e a ampliação do acesso à informação.

Outro ponto de atenção é a baixa adesão ao uso de preservativos por parte da população idosa sexualmente ativa. A associação equivocada da prevenção apenas à contracepção leva à

negligência da proteção contra ISTs, reforçando a vulnerabilidade e contribuindo para a disseminação de infecções sexualmente transmissíveis.

O objetivo geral deste estudo é investigar a prevalência e os fatores associados às ISTs em idosos, bem como propor estratégias de prevenção e conscientização. Os objetivos específicos são: analisar os fatores que contribuem para a vulnerabilidade da população idosa e propor ações de prevenção e educação em saúde.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que busca reunir, analisar e sintetizar evidências científicas disponíveis sobre a invisibilidade das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) na população idosa. Para a condução desta revisão, foram seguidas as recomendações do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (PAGE *et al.*, 2021). Este método permite sintetizar o conhecimento científico disponível sobre a invisibilidade das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na população idosa, identificando lacunas e propondo estratégias de prevenção e educação em saúde.

265

A questão norteadora que guiou esta revisão foi: “Quais são os principais fatores que contribuem para o aumento das ISTs na população idosa e como os serviços de saúde têm respondido a essa realidade?”

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: artigos originais e revisões que abordassem a prevalência, incidência, fatores de risco, vulnerabilidade ou estratégias de prevenção de ISTs em idosos (≥ 60 anos), publicados nos últimos cinco anos (janeiro de 2019 a setembro de 2025), no idioma português, e com texto completo disponível.

Foram excluídos editoriais, cartas ao editor, resumos de congresso, estudos de caso, teses, dissertações, artigos duplicados e aqueles que não respondiam diretamente à questão de pesquisa ou que abordavam exclusivamente população adulta jovem.

O levantamento bibliográfico foi realizado no mês de outubro de 2025, nas seguintes bases de dados eletrônicas: BDENF (Base de Dados de Enfermagem), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). A escolha dessas bases justifica-se pela abrangência e indexação de periódicos científicos da área da saúde no contexto brasileiro e latino-americano.

Os descritores foram selecionados a partir do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e combinados com os operadores booleanos AND e OR, conforme a seguinte estratégia de busca: (idoso OR idosos OR “pessoa idosa” OR “terceira idade” OR “população idosa” OR “saúde do idoso”) AND (“infecções sexualmente transmissíveis” OR IST OR DST OR “doenças sexualmente transmissíveis” OR HIV OR AIDS OR sífilis OR “hepatite B” OR “hepatite C” OR HPV) AND (prevalência OR vulnerabilidade OR “fatores de risco” OR prevenção OR “educação em saúde” OR “promoção da saúde”)

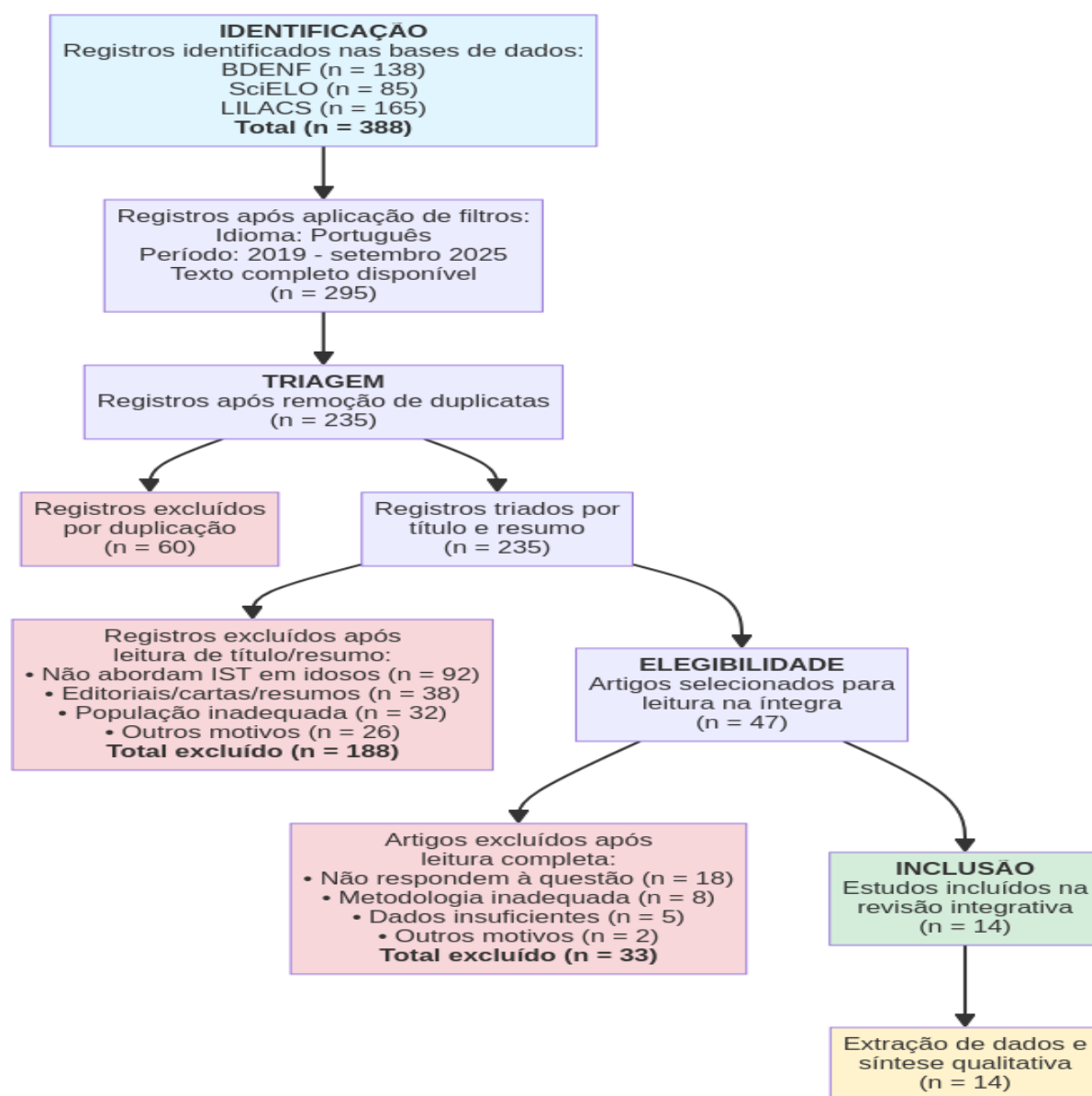
A seleção dos estudos seguiu as etapas preconizadas pelo PRISMA. Inicialmente, foi realizada a busca nas bases de dados com a aplicação dos filtros de idioma (português), período (2019-2025) e disponibilidade de texto completo. Em seguida, os artigos duplicados foram removidos manualmente.

A triagem foi conduzida em duas fases: na primeira, foram avaliados os títulos e resumos de todos os artigos identificados, aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão. Na segunda fase, os artigos pré-selecionados foram lidos na íntegra para verificar se atendiam a todos os critérios estabelecidos. Todo o processo de seleção foi realizado de forma criteriosa, com registro dos motivos de exclusão em cada etapa.

Os dados foram extraídos e organizados em um quadro sinóptico contendo as seguintes informações: autores e ano de publicação, título do artigo, objetivo do estudo, tipo de estudo, amostra/população, principais resultados e conclusões. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva, com agrupamento dos achados em categorias temáticas que emergiram da leitura crítica dos estudos. Esta abordagem permitiu identificar os principais fatores associados à vulnerabilidade da população idosa às ISTs, as barreiras para a prevenção e as estratégias de educação em saúde propostas na literatura científica.

Os resultados da seleção dos estudos foram apresentados por meio de um fluxograma PRISMA, detalhando o número de artigos em cada etapa do processo. Adicionalmente, foi elaborado um quadro-resumo com a síntese dos estudos incluídos na revisão, facilitando a visualização e compreensão dos achados.

Fluxograma 1 – Processo de seleção dos estudos segundo o PRISMA



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Conforme apresentado no Fluxograma 1, a busca inicial nas três bases de dados resultou em um total de 388 registros, sendo 138 artigos identificados na BDENF, 85 na SciELO e 165 na LILACS. Após a aplicação dos filtros de idioma (português), período de publicação (janeiro de 2019 a setembro de 2025) e disponibilidade de texto completo, foram mantidos 295 registros para análise.

Na etapa de triagem, foram removidos 60 artigos duplicados, resultando em 235 registros únicos para avaliação por título e resumo. Durante essa primeira fase de triagem, 188 artigos

foram excluídos pelos seguintes motivos: 92 artigos não abordavam especificamente ISTs na população idosa; 38 eram editoriais, cartas ao editor ou resumos de congressos; 32 apresentavam população inadequada ao escopo do estudo; e 26 foram excluídos por outros motivos que não atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos.

Dessa forma, 47 artigos foram selecionados para leitura na íntegra na fase de elegibilidade. Após a leitura completa e análise criteriosa do conteúdo, 33 artigos foram excluídos: 18 por não responderem diretamente à questão norteadora da pesquisa; 8 por apresentarem metodologia inadequada; 5 por conterem dados insuficientes para análise; e 2 por outros motivos metodológicos.

Ao final do processo de seleção, 14 estudos atenderam a todos os critérios de inclusão e foram incluídos na revisão integrativa para extração de dados e síntese qualitativa. Esses estudos compõem o corpus de análise desta pesquisa e serão apresentados de forma detalhada no Quadro 1.

Quadro 1: Levantamento estrutural dos artigos selecionados nas bases de dados da temática

Título/Ano	Autores/Revista	Principais contribuições
Vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis em idosos usuários de um Centro de Testagem e Aconselhamento (2019)	Ferreira CO, Davoglio RS, Vianna ASA, Silva AA, Rezende REA, Davoglio TR Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 23, n. 3	A prevalência de IST de 25,32%. Hepatite C mais prevalente (10,73%), seguida de hepatite B (8,58%), sífilis (7,73%) e HIV (3,43%) e o baixo uso de preservativo: 32,73% com parceiro não fixo e 5,58% com parceiro Fixo. Práticas sexuais inseguras e elevada vulnerabilidade
Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas (2020)	Aguiar RB, et al <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> , v. 25, n. 6, p. 2051-2062	O idosos com menos conhecimento têm atitudes mais conservadoras ($r=0,42$; $p<0,0001$) Correlação entre conhecimento e atitudes Baixo conhecimento associado a atitudes conservadoras Necessidade de educação sexual
Representações sociais e perfil sorológico para sífilis adquirida em idosos de uma região de vulnerabilidade no Brasil (2021)	Albino Filho MA, Bordin SAM, Buriola AA, Batista KZS, Biadola AP, Costa SM, Rodrigues MVP	133 participantes testados (60-84 anos) com 100% não reativos idosos conhecem métodos de prevenção, mas têm baixa adesão alguns não associam sífilis como doença Vulnerabilidade apesar do conhecimento

	<i>Research, Society and Development</i> , v. 10, n. 7	
Prevalência das infecções sexualmente transmissíveis na população idosa da Amazônia Brasileira (2021)	Mebius MP, Galan LEB, Costa BJS, et al. <i>Revista Eletrônica Acervo Saúde</i>	Alta prevalência de IST na população idosa amazônica Hepatite C entre as mais prevalentes Vulnerabilidade das condições de saúde Necessidade de ações específicas regionais
Conhecimento e comportamento de um grupo de idosos frente às infecções sexualmente transmissíveis (2021)	Diversos autores <i>Revista Eletrônica Acervo Saúde</i>	Os conhecimentos limitados sobre IST's Conhecimento limitado sobre métodos de prevenção Baixa adesão ao uso de preservativo Comportamento sexual aumenta casos de IST
Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em idosos do Brasil (2022)	Albuquerque JS, Lima LR, Silva RTP, Beltrão LEBF, Sales JKD Albuquerque JS, Lima LR, Silva RTP, Beltrão LEBF, Sales JKD	275.380 casos de IST notificados em idosos (2017-2021), Crescimento de 2017-2019, queda em 2020, crescimento em 2021, Maior notificação no sexo feminino, ISTs em idosos como problemática de saúde pública
Conhecimento dos idosos sobre as infecções sexualmente transmissíveis na estratégia de saúde da família (2022)	Makus GA, et al. <i>Brazilian Journal of Health Review</i>	A maioria possui conhecimento superficial das IST, Parte tinha vida sexual ativa Baixa adesão às práticas preventivas apesar do conhecimento Tabu dificulta acesso ao conhecimento
Percepção de risco para infecções sexualmente transmissíveis em idosos (2022)	Silva AKB, et al. <i>Research, Society and Development</i>	A baixa percepção de risco entre idosos, idosos não se consideram vulneráveis Necessidade de intervenções para sensibilização Percepção de risco influencia comportamento preventivo
Tendência da taxa de detecção de sífilis em pessoas idosas: Brasil, 2011-2019 (2023)	Barros ZS, Rodrigues BGM, Frota KMG, Penha JC, Nascimento FF, Rodrigues MTP, Mascarenhas MDM <i>Revista Brasileira de Epidemiologia</i> , v. 26	62.765 casos de sífilis notificados em idosos (2011-2019) Aumento de 6x com incremento médio de 25% ao ano Maior aumento no sexo feminino (VPA: 49,1%) Tendência crescente em todas as regiões, destaque para Nordeste e Sul
Práticas de educação sexual com idosos: uma revisão integrativa (2023)	Silva CN, et al. <i>Revista Saúde Coletiva</i>	Metodologias participativas são efetivas Uso de grupos e apresentações de slides Adaptação às especificidades da população idosa

		Importância de estratégias educativas diferenciadas
Fatores associados ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis no público idoso (2023)	Silva EFO, Gontijo T, et al. <i>Revista Eletrônica Acervo Saúde</i>	População idosa aumentou de 10,71% (2010) para 15,31% (2022) Ausência de educação sexual como principal fator Falta de informação e baixo uso de preservativos Múltiplos fatores de risco identificados
Saúde sexual do idoso: prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (2023)	Shinohara EE, et al. <i>Revista Gestão e Secretariado (GeSec)</i>	Lacunas no conhecimento sobre riscos de ISTs Necessidade de melhorar comunicação em saúde Estratégias de comunicação adequadas são essenciais Importância da educação para prevenção
A percepção do idoso sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (2024)	Freitas FA, et al. <i>Brazilian Journal of Health Review</i>	Mais de 80% sabem o que é IST Conhecem formas de prevenção Concordam que idosos podem contrair ISTs Lacuna entre conhecimento e prática preventiva
Autopercepção de idosos sobre a vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis (2025)	Sousa IDB, Almeida LMN, et al. <i>Saúde e Desenvolvimento, Unilasalle</i>	43,3% nunca procuraram serviços de saúde para prevenção Baixa percepção de risco entre idosos Associação equivocada entre envelhecer e inapetência sexual Necessidade de ações educativas específicas

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Categoria 1 - Fatores de Vulnerabilidade e Percepção de Risco nas ISTs entre idosos

O envelhecimento, tanto do ponto de vista fisiológico quanto social, junto com o estigma que envolve a sexualidade na terceira idade, torna os idosos mais vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Ferreira *et al.* (2019) apontam que a baixa utilização de preservativos entre os idosos, somada a práticas sexuais inseguras, cria um cenário alarmante: apenas 32,7% dos participantes da pesquisa usavam preservativo com parceiros não fixos, e

apenas 5,5% o utilizavam com parceiros fixos. Esses dados revelam uma percepção de risco limitada e comportamentos desprotegidos.

Conforme destacam Sousa e Almeida (2025), mais de 40% dos idosos nunca buscaram serviços de saúde para prevenção, vinculando o envelhecimento à falta de interesse sexual. Essa crença errônea oculta a fragilidade desse grupo etário, aumentando o risco de infecção. Conforme apontam Freitas *et al.* (2024), mesmo que 80% dos idosos conheçam o que é uma IST e saibam como elas são transmitidas, o uso de medidas preventivas é quase nulo.

Segundo Albino Filho *et al.* (2021), mesmo pessoas informadas sobre as ISTs descuidam das prevenções. São muitos que conhecem as estratégias de prevenção, mas não as colocam em prática, mostrando a diferença entre saber e fazer. Essa dualidade evidencia como a cultura e a sociedade moldam a experiência da sexualidade na terceira idade.

De acordo com Mebius *et al.* (2021), em áreas vulneráveis, a situação é agravada pelas condições socioeconômicas. Um estudo na Amazônia indicou uma elevada prevalência de hepatite C e sífilis em idosos, ligada à baixa escolaridade e à dificuldade de acesso a serviços de saúde. Isso mostra que a vulnerabilidade depende do contexto regional.

De acordo com Makus *et al.* (2022), uma fração dos idosos continua a ter uma vida sexual ativa, mas eles têm um entendimento limitado sobre infecções e raramente usam métodos de barreira. Isso acontece em razão do tabu cultural que inibe a conversa sobre o assunto, tanto no seio familiar quanto nos serviços de saúde.

Conforme Silva AKB e colaboradores (2022), a baixa percepção de risco é um fator crucial para o aumento dos casos. Os mais velhos costumam achar que, por não serem mais férteis, não correm o risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, o que diminui a busca por testagem e aconselhamento.

Segundo Albuquerque *et al.* (2022), a crescente notificação de ISTs entre idosos expõe uma questão de saúde pública que ainda recebe pouca atenção. O aumento de 275 mil notificações entre 2017 e 2021 evidencia a ampliação do problema e a ausência de medidas específicas.

Essa categoria destaca que a vulnerabilidade dos idosos não é apenas uma questão de idade, mas resulta de uma combinação de fatores culturais, sociais e psicológicos. A falta de consciência sobre os riscos, juntamente com a ausência de políticas direcionadas, mantém o ciclo da invisibilidade das ISTs entre essa população.

Quadro 2 - Fatores de vulnerabilidade e percepção de risco nas ISTs em idosos

Autores/Ano	Principais Achados	Conclusões Relevantes
Ferreira et al. (2019)	Práticas sexuais inseguras e baixo uso de preservativos.	Alta vulnerabilidade associada à desinformação.
Albino Filho et al. (2021)	Conhecimento sem adesão preventiva.	Falha entre saber e agir na prevenção.
Mebius et al. (2021)	Prevalência de hepatite C e sífilis na Amazônia.	Contextos regionais influenciam o risco.
Makus et al. (2022)	Tabus dificultam acesso ao conhecimento.	Cultura impede discussão sobre sexualidade.
Silva AKB et al. (2022)	Baixa percepção de risco entre idosos.	Falta de reconhecimento da própria vulnerabilidade.
Freitas et al. (2024)	80% conhecem ISTs, mas poucos se previnem.	Lacuna entre informação e prática.
Silva et al. (2025)	43,3% nunca buscaram prevenção.	Envelhecimento associado à falsa segurança.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025), com base nos estudos do Quadro 1.

Categoria 2 - Conhecimento, Educação em Saúde e Barreiras Comunicacionais

A escassez de informação sobre saúde sexual e ISTs na terceira idade contribui, de forma direta, para que esse grupo continue vulnerável. Conforme apontam Aguiar *et al.* (2020), o conhecimento que se tem é fortemente ligado às atitudes de prevenção. Os idosos que têm menos acesso à informação costumam ser mais conservadores e relutantes em discutir questões relacionadas à sexualidade, perpetuando estigmas e tabus.

A falta de programas de educação continuada que abordem o envelhecimento sexual resulta em um silêncio informativo. Makus *et al.* (2022) apontaram que, mesmo que os idosos tenham algum conhecimento teórico sobre infecções, na prática eles não sabem como utilizar esse conhecimento, evidenciando a diferença entre saber e fazer.

Conforme apontam Shinohara *et al.* (2023), a comunicação entre os profissionais de saúde e os pacientes idosos é comprometida pela falta de preparo das equipes e pelo uso de jargões ou termos que não são apropriados. Esse obstáculo na comunicação distancia o idoso e o impede de se engajar ativamente nas iniciativas educativas.

Além da barreira linguística, existe também a questão moral. De acordo com Albino Filho *et al.* (2021), é comum que muitos idosos sintam vergonha ou receio ao tocar no tema da sexualidade, particularmente durante as consultas de rotina. Isso diminui a chance de receber aconselhamento preventivo e um diagnóstico antecipado.

Segundo Silva CN *et al.* (2023), a aplicação de metodologias participativas e dinâmicas em grupo, como rodas de conversa e oficinas educativas, é eficaz para quebrar tabus e favorecer o aprendizado conjunto. Esse modelo empodera o idoso e potencializa as campanhas de prevenção.

A percepção de risco é, conforme Silva AKB *et al.* (2022), crucial para a adoção de comportamentos preventivos. Idosos que não se veem como vulneráveis tendem a usar menos preservativos e não buscam testes. Essa recusa, muitas vezes, está ligada a uma cultura que vê o envelhecimento como sinônimo da perda da sexualidade.

Mesmo os indivíduos que estão cientes dos riscos associados às ISTs não conseguem manter uma adesão às práticas seguras, como apontam Freitas *et al.* (2024). Isso se dá, em parte, pela falta de campanhas voltadas ao público idoso e pela ausência de espaços de escuta ativa, onde possam esclarecer dúvidas sem se sentirem constrangidos.

Albuquerque *et al.* (2022) também ressaltam a falta de materiais educativos voltados especificamente para os idosos, apontando que as campanhas governamentais ainda focam mais nos jovens e adultos férteis, desconsiderando a significativa atividade sexual dos idosos na atualidade.

Um outro obstáculo importante é o preconceito institucional. De acordo com Shinohara *et al.* (2023), a sexualidade na velhice é frequentemente vista como um assunto menor por muitos profissionais de saúde, o que perpetua comportamentos discriminatórios e a falta de orientação sexual na promoção da saúde.

Segundo Mebius *et al.* (2021), em locais onde há dificuldade de acesso aos serviços de saúde, especialmente em áreas rurais e periféricas, a falta de informação se torna ainda mais crítica. Isso agrava a assimetria informacional, o que torna o problema ainda mais intrincado e intersetorial.

Portanto, esta categoria evidencia a importância da educação em saúde para quebrar o ciclo da desinformação e reforçar o protagonismo da pessoa idosa. As ações educativas precisam ser inclusivas, permanentes e acompanhadas por equipes multiprofissionais, que são capazes de acolher a diversidade de experiências e crenças desse público.

Quadro 3 - Educação em saúde e barreiras de comunicação sobre ISTs em idosos

Autores/Ano	Metodologia/Eixo de Estudo	Principais Resultados
Aguiar et al. (2020)	Correlação entre conhecimento e atitudes.	Atitudes conservadoras associadas à desinformação.
Makus et al. (2022)	Estudo na ESF sobre percepção dos idosos.	Baixa adesão a práticas preventivas.
Shinohara et al. (2023)	Análise da comunicação profissional-idoso.	Comunicação deficiente impede ações preventivas.
Silva CN et al. (2023)	Revisão integrativa sobre educação sexual.	Metodologias participativas melhoram resultados.
Albino Filho et al. (2021)	Perfil e representações sociais sobre sífilis.	Conhecimento não garante prevenção.
Freitas et al. (2024)	Pesquisa sobre percepção de ISTs.	Necessidade de linguagem acessível e empática.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025), com base nos estudos do Quadro 1.

Categoria 3 - Estratégias de Prevenção e Políticas Públicas de Saúde Sexual para Idosos

As políticas públicas de saúde sexual para a população idosa no Brasil ainda são escassas. De acordo com Albuquerque *et al.* (2022), o aumento das notificações de ISTs entre os mais velhos indica que a sexualidade na velhice ainda não é vista como parte do bem-estar no sistema de saúde.

Barros *et al.* (2023) investigaram mais de 62 mil casos de sífilis notificados em pessoas idosas entre 2011 e 2019, sendo que a média de crescimento anual foi de 25%. Esses dados indicam que a falta de programas de prevenção específicos resulta em cuidados incompletos e aumenta os diagnósticos tardios.

Mebius *et al.* (2021) destacam que, em áreas onde a atenção básica é menos disponível, como a Amazônia, as taxas de ISTs são mais elevadas. Isso sugere que as abordagens preventivas precisam levar em conta as variações geográficas, culturais e de acesso aos serviços de saúde.

De acordo com Silva EFO e Gontijo (2023), a falta de uma educação sexual contínua e de campanhas específicas para a terceira idade é o principal risco para a propagação das infecções. É urgente que a temática seja abordada nos programas de educação permanente.

Segundo Shinohara *et al.* (2023), a comunicação é fundamental para que as políticas públicas alcancem seus objetivos. Quando as campanhas usam uma linguagem simples, visuais adaptados e uma abordagem inclusiva, os idosos se engajam mais.

Conforme afirmam Sousa e Almeida (2025), a prevenção das ISTs passa, sobretudo, pelo envolvimento das equipes de atenção básica e pelo fortalecimento das ações multiprofissionais. É fundamental que a educação contínua de enfermeiros, médicos e agentes comunitários aborde a questão da sexualidade na terceira idade.

Silva CN e colaboradores (2023) propõem que programas públicos adotem metodologias participativas, como grupos educativos e oficinas, para unir a experiência de vida dos idosos às iniciativas de saúde. Essa abordagem promove a liderança e torna mais fácil a troca de conhecimentos.

Freitas *et al.* (2024) afirmam que é essencial que as políticas públicas de saúde incluam indicadores relacionados à saúde sexual na terceira idade, garantindo orçamento e metas específicas nos planos de saúde estaduais e municipais.

De acordo com Makus *et al.* (2022), é fundamental que a Estratégia de Saúde da Família (ESF) seja cada vez mais reforçada como um local de educação, acolhimento e prevenção, visto que é a principal porta de entrada dos idosos no SUS.

Ferreira *et al.* (2019) apontam que os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) são pouco procurados por idosos, o que revela que esses serviços ainda não estão preparados para um atendimento sensível e acolhedor para essa faixa etária.

Por último, Albino Filho *et al.* (2021) e Albuquerque *et al.* (2022) são unânimes em apontar que a invisibilidade das ISTs na velhice provém da falta de articulação entre as políticas de saúde sexual e as políticas de envelhecimento. O combate real deve ser intersetorial, com educação, comunicação e gestão pública no mesmo barco.

Dessa forma, esta categoria evidencia que a prevenção de ISTs na terceira idade é um desafio que deve ser encarado como uma questão de saúde pública, que não depende apenas de campanhas educativas, mas de transformações estruturais, formações específicas e da valorização da sexualidade como componente do envelhecimento ativo e saudável.

Quadro 4 - Estratégias de prevenção e políticas públicas voltadas à saúde sexual da pessoa idosa

Autores/Ano	Propostas de Intervenção	Impactos Identificados
Albuquerque et al. (2022)	Ampliação de campanhas específicas.	Redução de diagnósticos tardios.
Barros et al. (2023)	Monitoramento das taxas de sífilis.	Crescimento anual de 25% nas notificações.

Mebius et al. (2021)	Ações regionais adaptadas à Amazônia.	Melhoria da cobertura preventiva.
Silva EFO e Gontijo (2023)	Educação sexual como eixo central.	Diminuição da vulnerabilidade.
Shinohara et al. (2023)	Estratégias comunicacionais inclusivas.	Aumento do engajamento dos idosos.
Sousa e Almeida (2025)	Ações educativas contínuas na atenção básica.	Fortalecimento da prevenção comunitária.
Silva CN et al. (2023)	Oficinas participativas e grupos educativos.	Estímulo ao protagonismo do idoso.
Makus et al. (2022)	Integração da ESF e campanhas educativas.	Melhor adesão à testagem.
Ferreira et al. (2019)	Ampliação dos CTA para o público idoso.	Maior acolhimento nos serviços de saúde.
Freitas et al. (2024)	Inclusão de metas de saúde sexual nos planos públicos.	Visibilidade da temática no SUS.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025), com base nos estudos do Quadro 1.

DISCUSSÃO

A presente revisão integrativa da literatura corrobora a tese central de que as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na população idosa representam um fenômeno invisibilizado, cuja complexidade deriva da interação entre fatores psicossociais, culturais e institucionais. Os resultados dos 14 estudos analisados convergem para um ponto crucial: a vulnerabilidade deste grupo etário não decorre da falta de conhecimento, mas de uma dissociação profunda entre a informação detida e a sua aplicação em práticas preventivas. Este achado dialoga diretamente com a literatura, que aponta para a baixa percepção de risco como um dos principais entraves para a adoção de comportamentos sexuais seguros na terceira idade (SILVA *et al.*, 2022).

A lacuna entre saber e fazer, evidenciada por múltiplos autores (ALBINO FILHO *et al.*, 2021; FREITAS *et al.*, 2024), sugere que as estratégias de prevenção focadas apenas na disseminação de informação são insuficientes. O estudo de Aguiar *et al.* (2020) reforça essa perspectiva ao correlacionar o baixo conhecimento com atitudes mais conservadoras, indicando que os tabus e estigmas em torno da sexualidade na velhice funcionam como barreiras mais potentes do que a própria ausência de informação. A sexualidade, quando não reconhecida como uma dimensão legítima do envelhecimento, impede que o idoso se identifique como um sujeito

suscetível às ISTs, um fenômeno agravado pela crença equivocada de que a prevenção se limita à contracepção (FREITAS *et al.*, 2024).

Outro ponto de destaque é a falha na comunicação entre profissionais de saúde e pacientes idosos. Conforme Shinohara *et al.* (2023), as barreiras comunicacionais, sejam elas por linguagem técnica ou pelo constrangimento em abordar o tema (ALBINO FILHO *et al.*, 2021), perpetuam um ciclo de silêncio que impede o aconselhamento e a testagem. Isso se reflete na baixa procura por Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), como apontado por Ferreira *et al.* (2019), e reforça a necessidade de capacitar as equipes de saúde, especialmente na Atenção Primária, para uma abordagem sensível e desmistificada da saúde sexual do idoso. A esse respeito, Makus *et al.* (2022) já apontavam para a necessidade de qualificação das equipes da Estratégia de Saúde da Família. A proposta de metodologias participativas, como as rodas de conversa, surge como uma estratégia promissora para construir um ambiente de confiança e aprendizado mútuo (SILVA, *et al.*, 2023).

No âmbito das políticas públicas, os dados são alarmantes. O crescimento exponencial dos casos de sífilis (BARROS *et al.*, 2023) e o aumento geral das notificações de ISTs (ALBUQUERQUE *et al.*, 2022) são a consequência direta da ausência de programas de prevenção específicos e da falta de articulação entre as políticas de saúde sexual e as de envelhecimento. A vulnerabilidade é acentuada por disparidades regionais e socioeconômicas, como demonstrado por Mebius *et al.* (2021) na Amazônia, o que exige uma abordagem intersetorial e adaptada às realidades locais.

Finalmente, é imperativo reconhecer as limitações desta revisão. A busca foi restrita a bases de dados específicas e ao idioma português, o que pode ter limitado a inclusão de estudos internacionais relevantes. Ainda assim, os achados fornecem um panorama robusto e consistente da realidade brasileira, evidenciando a urgência de colocar a saúde sexual da pessoa idosa na agenda da saúde pública. A superação da invisibilidade das ISTs na terceira idade depende, portanto, de uma transformação que transcende o campo da saúde e alcança as esferas da educação, da cultura e da gestão pública.

CONCLUSÃO

Este estudo permitiu delinear um panorama abrangente sobre a invisibilidade das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na terceira idade, confirmando que o

envelhecimento não suprime a vida sexual, mas a insere em um contexto de vulnerabilidades complexas e multifatoriais. A análise dos estudos selecionados revelou que a persistência de tabus, a baixa percepção de risco e a inadequação das políticas de saúde convergem para aprofundar a marginalização da saúde sexual como um componente do envelhecimento saudável.

A principal contribuição desta revisão reside na identificação da lacuna crítica entre o conhecimento teórico sobre as ISTs e a adoção de práticas preventivas pela população idosa. Ficou evidente que a superação desse hiato exige mais do que campanhas informativas; demanda uma transformação cultural que normalize a sexualidade na velhice e capacite os profissionais de saúde para uma escuta ativa e acolhedora, livre de preconceitos.

Recomenda-se, portanto, a implementação de políticas públicas que integrem a saúde sexual aos programas de atenção ao idoso, com a criação de protocolos específicos, a alocação de recursos para campanhas direcionadas e a formação continuada de equipes multiprofissionais. Sugere-se, ainda, o fomento a pesquisas que explorem a eficácia de intervenções educativas participativas e que investiguem as particularidades da saúde sexual em subgrupos da população idosa, como mulheres, pessoas LGBTQIA+ e indivíduos em diferentes contextos socioeconômicos.

278

Em suma, o combate à invisibilidade das ISTs na terceira idade é um imperativo de saúde pública que convoca a uma ação coordenada entre gestores, profissionais de saúde, pesquisadores e a sociedade civil. Somente através de um esforço conjunto será possível garantir que a população idosa possa vivenciar sua sexualidade de forma plena, segura e com dignidade, assegurando um envelhecimento ativo e saudável em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. B. et al. Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em pessoas idosas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 6, p. 2051-2062, 2020.

ALBINO FILHO, M. A. et al. Representações sociais e perfil sorológico para sífilis adquirida em idosos de uma região de vulnerabilidade no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 7, e50110716383, 2021.

ALBUQUERQUE, J. S. et al. Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em idosos do Brasil. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 3, p. e9930, 2022.

ANDRADE, A. et al. A invisibilidade das ISTs na terceira idade: um desafio para a saúde pública. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 20, n. 4, p. 500-510, 2017.

BARROS, Z. S. et al. Tendência da taxa de detecção de sífilis em pessoas idosas: Brasil, 2011–2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 26, e230009, 2023.

FERREIRA, C. O. et al. Vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis em idosos usuários de um Centro de Testagem e Aconselhamento. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 23, n. 3, p. 145-150, 2019.

FREITAS, F. A. et al. A percepção do idoso sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 7, n. 1, p. e65432, 2024.

MAKUS, G. A. et al. Conhecimento dos idosos sobre as infecções sexualmente transmissíveis na estratégia de saúde da família. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 5, n. 4, p. 15409-15420, 2022.

MEBIUS, M. P. et al. Prevalência das infecções sexualmente transmissíveis na população idosa da Amazônia Brasileira. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 14, n. 1, p. e9485, 2021.

OLIVEIRA, M. S.; MARTINS, A. L. O aumento do HIV na terceira idade: uma análise da vulnerabilidade. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, 43, 2021.

279

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, v. 372, n. 71, 2021.

SHINOHARA, E. E. et al. Saúde sexual do idoso: prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Gestão e Secretariado (GeSec)*, v. 14, n. 1, p. 1-18, 2023.

SILVA, A. K. B. et al. Percepção de risco para infecções sexualmente transmissíveis em idosos. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 1, p. e11112470, 2022.

SILVA, C. N. et al. Práticas de educação sexual com idosos: uma revisão integrativa. *Revista Saúde Coletiva*, v. 13, n. 77, p. 223-235, 2023.

SILVA, E. F. O.; GONTIJO, T. Fatores associados ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis no público idoso. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 16, n. 1, p. e11928, 2023.

SILVA, R. M. C. R. A.; OLIVEIRA, A. G. C.; ROCHA FILHO, F. S. Sexualidade na terceira idade: tabus e qualidade de vida. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 28, n. 1, p. 48-56, 2017.

SOUSA, I. D. B.; ALMEIDA, L. M. N. Autopercepção de idosos sobre a vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Revista de Enfermagem Contemporânea, 2025 (no prelo).